

# APRESENTAÇÃO DO AUTOR

*Aos meus irmãos reverendos e mui amados fiéis ministros de Cristo: graça e paz em Jesus Cristo sejam aumentadas.*

O assunto aqui apresentado fala tão de perto ao pastor e às igrejas sob seu cuidado que ousou proferir este discurso, ainda que reconheça as imperfeições do tratamento e que esteja consciente de ser indigno de ser um mentor para pastores.

Antes de chegar ao ponto principal, permitam-me comentar sobre as razões para escrever tal obra e sobre a liberdade da expressão usada, a qual poderá parecer desagradável para algumas pessoas.

O Senhor despertou alguns de seus ministros em Worcester, e de algumas localidades vizinhas, quanto ao dever de instruir e orientar e de instruir particularmente os membros de todas as igrejas que não recusassem obstinadamente essa ajuda. Subscrevendo a um acordo que continha resoluções de desempenho futuro, os pastores julgaram que não poderiam realizar a tarefa sem antes se humilhar solenemente na presença do Senhor. Concordaram em se reunir em Worcester, em 4 de dezembro de 1655, para confessar sua negligência no cumprimento de dever tão necessário e para rogar a especial assistência de Deus, tanto em relação à própria responsabilidade quanto em relação ao povo que estávamos prestes a instruir.

Tendo sido convidado para pregar em tal reunião, preparei estes discursos, os quais, sendo longos demais para serem proferidos em apenas um ou dois sermões, planejei apresentar parte naquela ocasião, reservando o restante para outra oportunidade. Entretanto, fui impedido de prosseguir no intento em função do aumento de minha dor e fraqueza. Para compensar minha omissão, concordei com diversos irmãos quanto à publicação do material preparado, a fim de que pudessem ler aquilo que não puderam ouvir de minha própria voz.

## Razões pelas quais se deve pregar contra falhas e pecados no ministério

Se houver objeção que diga que eu não deveria ter falado de maneira tão clara contra as falhas e pecados cometidos no ministério, ou que eu não deveria tê-los publicado de maneira tão ostensiva, ou que, pelo menos, deveria tê-lo feito em outra língua que não a dos ouvidos vulgares – especialmente num tempo em que *quakers* e papistas<sup>32</sup> procuram induzir o desprezo ao ministério, e o povo é propenso a ouvir suas sugestões – certamente considerarei as objeções, mas não mudarei minha resolução em razão das seguintes razões:

1. O material foi preparado e intencionado para uma humilhação solene; proposta sobre a qual todos nós concordamos. Como poderíamos nos humilhar sem confessar claramente o nosso pecado?
2. A confissão tratava, principalmente, de nossos próprios pecados. Quem poderia se ofender com a confissão de pecados e assunção de culpa e vergonha, conforme ordenado por nossa própria consciência?
3. Tendo preparado na língua inglesa, não tive tempo livre para traduzi-lo para o latim.
4. Quando o pecado é exposto à vista do mundo, será vaidade procurar escondê-lo; tais tentativas apenas pioram e aumentam a vergonha.
5. A livre confissão é uma condição para a plena remissão; quando o pecado for público, a confissão também deverá ser pública. Se os pastores de nosso país tivessem pecado apenas em latim, eu teria me esforçado por admoestá-los em latim, ou nada lhes teria dito. Mas se pecamos em inglês, deveremos ouvir em inglês tal admoestação. O pecado não perdoado não nos deixa descansar ou prosperar. Por mais que nos esforcemos para encobri-lo, o pecado certamente aparecerá, ainda que não sejamos nós a descobri-lo. A obra da confissão consiste justamente em fazer conhecido o pecado e em assumir espontaneamente a vergonha, pois: “O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia” (Pv 28.13). Se formos tão melindrosos quanto a nós mesmos, Deus terá de

<sup>32</sup> Hoje o ataque ao pastor assume forma mais ampla, e com razão, por causa da deriva do ministério evangélico para o palco da mídia e da má política. O pastoreio “de sucesso” atrai grandes números de “interessados”, mas desacredita o pregador e a mensagem em relação ao poder transformador da mensagem bíblica. Igualmente, a ganância e a ânsia pelo poder mundano solapam a autoridade moral do pastor [N. do E.].

nos forçar a consciência à confissão, ou seus juízos proclamarão nossa iniqüidade para o mundo.

6. Muitos assumem o trabalho do ministério, procedendo com autoafirmação, negligência, orgulho e outros pecados, fazendo necessário que os admoestemos. Se soubéssemos que se reformariam sem a repreensão, ficaríamos contentes por não ter de mencionar as faltas. Mas quando a própria repreensão ocorre sem efeito, de maneira que mais se ofendem com a repreensão do que com o pecado, penso que é chegada a hora de usar o remédio.

Que maiores considerações nós poderíamos fazer sobre tais razões? Seria cruel entregar nossos irmãos à conta de incuráveis enquanto há meios de consertar o mal. Não podemos odiá-los, mas, ao contrário, repreendê-los abertamente para que não permaneçam no pecado. Suportar os vícios do ministério é promover a ruína da igreja – pois que modo mais rápido haveria de fragmentar e degradar o povo do que por meio da depravação de seus guias? Como poderemos promover uma reforma sem primeiro reformar os líderes da igreja? De minha parte, fiz conforme gostaria que fizessem em relação a mim. É para a segurança da igreja, e com amor carinhoso pelos meus irmãos, que ousou repreender – não os tenho por desprezíveis ou odientos, mas desejo curar os males que tais os tornariam – a fim de que nenhum inimigo encontre questão repreensível entre nós. Especialmente porque nossos esforços fiéis são de tamanha necessidade para o bem-estar da igreja e para a salvação das almas, a negligência quanto aos nossos próprios pecados ou o silêncio quanto aos pecados dos outros jamais configuraria amor.

Se milhares dos senhores estivessem num navio fazendo água, e aqueles que devessem esgotá-la e fechar os vazamentos estivessem dormindo ou recreando, ou, até mesmo, favorecendo a si mesmos no trabalho, colocando a todos em perigo, não seriam eles acordados e chamados à luta em favor de suas vidas? O que aconteceria, se algumas palavras ríspidas fossem empregadas para estimular os preguiçosos? Seria de boa consciência levar a mal o zelo e acusar de orgulho, autojustiça ou falta de educação aquele que fala com veemência para estimular seus colegas de trabalho? Ou dizer que suas palavras ofendem e degradam sua reputação? Antes, não diriam: “O trabalho tem de ser feito ou todos morreremos! O navio está prestes a afundar, e os senhores falam de reputação? Preferem correr o risco de perder tudo a ouvir que são preguiçosos!”. É o nosso caso, irmãos. A obra de Deus tem de ser feita! Almas não devem perecer enquanto cuidamos de nossos negócios ou prazeres mundanos, enquanto a igreja sofre maior confusão e perigo, receando parecer grosseira ou temendo desagradar suas almas impacientes!

Caso fôssemos tão impacientes com os nossos próprios pecados quanto somos com as repreensões, não teríamos de ouvir mais; estaríamos concordes. Nem Deus nem os homens de bem nos deixarão a sós com nossos pecados. Tivessem os senhores atendido a outro tipo de chamado, pecassem em privado e morressem sozinhos, não haveria necessidade de repreensão. Entretanto, lembrem-se de que os senhores entraram no ofício do ministério, o qual é para a preservação de todos, e não poderíamos deixá-los com seus pecados, permitindo o sofrimento e dano da igreja. Não nos culpem porque lhes falamos com maior liberdade do que os senhores desejariam.

Fossem os seus próprios corpos que estivessem enfermos e os senhores ainda desprezassem o remédio, ou se suas próprias casas estivessem em chamas e os senhores ficassem discutindo na rua em vez de apagar o fogo, talvez eu pudesse deixá-los por sua própria conta (se bem que, por causa do amor, não devesse fazê-lo com facilidade). Mas, se todos assumiram uma posição tal como a de médicos em relação a hospitais ou a cidades inteiras infectadas pela peste, ou ainda, a de bombeiros que se propõem a apagar os incêndios da cidade, por mais desagradável que pareça, a omissão não poderá ser suportada.

É necessário que eu fale tais coisas. Tome-as como quiserem; se não bastar, direi ainda de maneira mais clara. Se os senhores, além de repreendidos – digo isto apenas aos culpados – forem também reprovados, deverão tudo isso a si mesmos.

Portanto, coloco, aqui, as razões que me forçaram a publicar neste tratado, em vernáculo claro, muito dos pecados do ministério. Suponho que, quanto mais humildes e penitentes forem os pastores, e mais desejosos da verdadeira reforma da igreja, mais fácil e plenamente aprovarão a livre confissão e aceitarão a boa repreensão. Seria, entretanto, impossível evitar que os culpados impenitentes se ofendam, pois tal somente poderia ser evitado por meio do nosso silêncio ou da passividade deles quanto à repreensão. Não posso ficar calado por causa do mandamento de Deus, e os culpados certamente não desejarão ser pacientes em relação à sua impenitência. Mas os que tratarem abertamente o assunto, serão, finalmente, aprovados – e está chegando o tempo em que confessarão que seus disciplinadores eram os seus melhores amigos.

Quanto ao meu ponto principal, ainda não é chegada a hora. Devo, antes, tomar coragem, meus irmãos, de assumir o papel de tutor quanto a alguns deveres necessários que já foram mencionados. Se, nesta tentativa, alguém me acusar de arrogância ou de falta de modéstia, como se fosse eu quem os acusasse de negligência, ou que eu me julgasse suficiente para admoestar, peço que compreenda com brandura tal ousadia. Asseguro que não obedeço o conselho da carne; mas, antes, que me desagrade tanto quanto desagrade a outros, e preferiria a paz e a calma do silêncio – se isso pudesse ser conciliado com o meu

dever e o bem-estar das igrejas. O que me força, porém, é a necessidade das almas dos homens e o meu desejo de sua salvação; é a prosperidade da igreja que me força a esse tipo de audácia e atrevimento. Quem há que, tendo língua, poderá calá-la, quando seu uso for para a honra de Deus, o bem-estar da igreja e a felicidade eterna de tantas almas?

### Razões pelas quais é dever inquestionável do ministro se dispor à instrução e orientação particulares

O *primeiro* e principal ponto que tenho a propor é este: é dever inquestionável dos ministros em geral que se disponham à tarefa de instruir e orientar individualmente a todos aqueles que são entregues ao seu cuidado – se forem persuadidos a se submeter ao discipulado. Tal ponto não precisa ser provado, pois já vem argumentado nesta palestra. Os senhores poderiam imaginar uma sabedoria santa que negasse a validade desta proposição? O zelo por Deus, o prazer no seu serviço ou amor às almas dos homens negariam sua significância?

1. Os princípios da religião e as questões necessárias para a salvação precisam ser substancialmente ensinados às pessoas – sem nenhuma sombra de dúvida.
2. As pessoas têm de ser ensinadas da maneira mais edificante e proveitosa – espero que concordemos nisto.
3. A entrevista pessoal, o exame do coração e a instrução pessoal têm excelentes vantagens para o bem das pessoas – isto também, indubitavelmente.
4. A instrução pessoal é recomendada pelas Escrituras e pela prática dos servos de Cristo, aprovada por homens piedosos de todos os tempos – sem contradição.
5. Não há dúvida de que devemos cumprir esse grande dever para com todas as pessoas, ou para quantas nós pudermos, pois nosso amor e cuidado devem acolher a todos. Será sinal de pobre desempenho do dever se, havendo em sua congregação quinhentas ou mil pessoas ignorantes em questões de fé, os senhores falarem apenas de vez em quando com algumas delas e deixar o restante na ignorância, quando está ao seu alcance ajudá-lo.
6. Certamente, uma tarefa tão grande quanto esta tomará parte considerável de seu tempo. É certo também que todos os deveres, à medida do possível, deveriam ser realizados em sua ordem e tempo. Se estivermos concordes em proceder de acordo com tais verdades evidentes, não precisaremos discordar quando surgirem circunstâncias duvidosas.

Dadas essas razões, por amor de Cristo e de sua igreja, e das almas imortais dos homens, imploro aos fiéis ministros de Cristo que se disponham pronta e efetivamente a esta obra. Sejam unânimes no pleno desempenho do trabalho, a fim de conquistar a aquiescência e prontidão do povo.

Descobri, em minha própria experiência, que, operando pelos meios de graça dispostos por Deus, tal obra terá de ser profunda e extensa na reforma da vida do pastor: terá de desfazer a nossa comum e prevalecente ignorância; terá de curvar a teimosia dos pecadores, respondendo a vãs objeções e removendo preconceitos; terá de reconciliar o coração do pastor à fidelidade do ministério e provocar o sucesso da pregação pública; terá de tornar a piedade em algo verdadeiro, além da mera forma, como tem sido. Descobri também que, até então, eu mesmo não havia tomado o melhor curso para lutar contra o reino das trevas. Pergunto-me: como pude ficar afastado tanto tempo de um dever tão claro e excelente? Contudo, suponho que tenha ocorrido com outros ministros tal como ocorreu comigo. De há muito estava convencido, mas o temor das dificuldades e o fraco entendimento da missão impediam que eu cumprisse meu dever. Cria que as pessoas desprezariam meu esforço e que somente uns poucos menos necessitados de ajuda se disporiam a aceitá-lo; achava que minhas forças seriam insuficientes para realizar a tarefa. Assim, demorei muito para cumprir meu dever, pelo que peço ao Senhor de misericórdia que me perdoe. Agora, também por experiência própria, vejo que meus deveres não eram tão sobrepujantes (exceto pela extraordinária fraqueza de meu corpo) como eu imaginava. Os benefícios e consolos da obra são tais que não os trocaria por todas as riquezas do mundo. Passei a utilizar as segundas e terças-feiras de cada semana, desde manhã até quase à noite, para receber cerca de quinze ou dezesseis famílias, a fim de alcançar toda uma paróquia de cerca de oitocentas famílias, uma vez por ano. Não posso dizer que uma só família tenha se recusado a me procurar, e pouquíssimas pessoas se desculparam para evitar o encontro. Tenho visto mais sinais externos de sucesso no trabalho pessoal associado à pregação pública. Se alguém disser que não é assim na maioria dos lugares, responderei que desejaria que tal não fosse por nossa culpa. O fato de alguns recusarem a ajuda não nos isenta de a oferecermos aos que a aceitam.

Talvez, alguns dos pastores queiram saber como procedo quanto à ordem e providências para os encontros. Bem, eu faço uma lista de todas as pessoas de entendimento da igreja, e a secretaria da igreja se encarrega de marcar com cada família a data e hora do encontro. Sou forçado, por causa do alto número, a tratar com uma família inteira de uma só vez, geralmente não admitindo a presença de outra família ao mesmo tempo.

Irmãos, porventura eu os convido a fazer este trabalho sem a autoridade de Deus ou sem o consentimento dos antigos, dos pastores reformados, ou sem a

convicção de suas próprias consciências? Vejam o que os anais da Assembleia de Westminster registram no item sobre a visita aos enfermos:

É dever do ministro não só ensinar as pessoas que foram entregues ao seu cuidado por meio da pregação pública, mas também em particular, admoestando, exortando, repreendendo, e confortando em toda ocasião oportuna, conquanto permitam tempo, força, e segurança pessoal. Deve admoestá-las em tempo de saúde a fim de prepará-las para a morte. Com este propósito, os crentes devem conferir com seus pastores, muitas vezes, quanto ao estado de suas almas.

Leiam de novo a declaração acima e considerem as implicações. Se os senhores realmente desejam ter paz com Deus, atendam a Deus. Se quiserem ter paz interior, ouçam a própria consciência. Quanto a mim, estou decidido a tratar sobre estas coisas de modo claro, ainda que possa lhes parecer desagradável. Não me parece que alguém cujo coração esteja sinceramente dedicado a Deus deixaria de atender a tão grande dever, após tantos avisos e exortações. Não posso conceber que uma pessoa que tenha uma centelha de graça salvadora, que ame a Deus, e que tenha prazer em fazer a sua vontade tal como é próprio de todos aqueles que estão sendo santificados, oponha-se ou recuse-se a obedecer a uma ordem de Jesus. A não ser que ela esteja sob o poder da tentação, assim como ocorreu com Pedro, tanto na negação quanto na tentativa de dissuadir Jesus quanto aos sofrimentos pré-anunciados, ouvindo a repreensão: “Arreda, Satanás, pois consideras não as coisas de Deus, mas as dos homens”.

### Os ministros piedosos têm consciência do seu dever para com Deus

Os senhores, amados, foram duplamente consagrados para o serviço de Cristo: como *cristãos* e como *pastores*. Havendo lançado mão do arado, ousariam, depois, furtarem-se à sua obra? Vendo o trabalho de reforma parado e sabendo de suas obrigações, ousariam negligenciar os meios pelos quais a obra deve ser feita? Mostrariam o rosto diante de uma congregação cristã, como ministros do evangelho, e orariam por uma reforma, pela conversão e salvação de seus ouvintes, e pela prosperidade da igreja, recusando-se a usar os meios pelos quais a obra tem de ser realizada? Sei que jamais faltarão palavras e razões à mente carnal para negar a verdade quando esta é desprezada. É mais fácil agir contra o dever do que cumpri-lo. Contudo, considerem o final antes de emitir seus próprios julgamentos. Os senhores creem realmente que obterão aprovação à vista de tal negligência? Ou deverão prestar contas a Deus pela omissão. Conhecendo a graça de Deus, ousou dizer que todos os ministros piedosos de nossa terra têm consciência do mandato

e que se desincumbirão dele, exceto aqueles que, por algum acidente extraordinário, estejam incapacitados para realizá-lo – ou sob tentação, como já mencionei. Não é sem esperança que tento persuadi-los; na verdade, creio que, em parte, isto já ocorreu. Se há algum hipócrita preguiçoso, malicioso ou invejoso que ainda luta contra o método bíblico do pastoreio de almas, os demais não farão assim, mas aproveitarão a oportunidade e acederão às admoestações do Senhor. Dentro em breve Deus punirá os hipócritas e os fará saber, para tristeza deles, o que significa a falta de temor do Senhor. Ai daqueles que não de prestar contas do sangue das almas sob seu cuidado! As razões contra o dever que aqui os satisfizes não os satisfarão então, mas serão manifestos os efeitos de sua própria estultícia, pois eles procedem conforme a própria vontade corrompida e segundo interesses carnis. Na hora da morte, suas consciências não assumirão as razões que agora aparentam ter. Saberão, então, com tristeza, que, para a alma que parte, não há consolo à vista da negligência do dever como há para a plena consagração ao serviço do Senhor. *Estou certo de que minha defesa deste tipo de dever ministerial parecerá mais forte no final, na hora da morte, no dia do juízo, especialmente à luz da eternidade.*

Três pedidos especiais aos pastores da igreja: a pregação deve ser preparada com seriedade e prudência; não se deve desprezar o exercício da disciplina; e a unidade da igreja deve ser promovida na verdade.

### **1. Preguem com preparo, prudência e seriedade.**

Agora, irmãos, eu imploro em nome de Deus e por amor às almas dos filhos de Deus, que não negligenciem esta obra, mas trabalhem com vigor e com todas as forças do ser, sabedores de que esta é a sua grande e grave tarefa. Será preciso muita sensatez para administrar todas estas coisas. Estudem, portanto, tal como estudam para preparar seus sermões. Lembro-me de ter sido muito franco com alguns catequistas enviados a nossas igrejas pela última sessão do concílio, mas não me entristeço com isso, pois seu trabalho não foi efetivo senão em algumas de nossas congregações maiores. Tenho percebido que a vida do trabalho sob Deus reside no prudente e efetivo gerenciamento do ministério, no exame do coração dos homens, e em levar a verdade às suas consciências. O pastor mais capaz ainda se achará fraco – e poucos se acham preparados para realizar estas coisas. Temo que muitos dos pastores que pregam bem estejam pouco qualificados para este trabalho, especialmente no trato com os mais velhos, ou com ignorantes pecadores ou aqueles cujos corações estão mortos. Se os ministros não forem realmente

respeitados como homens de Deus, as congregações tenderão a desprezá-los e a competir com eles em vez de aprender em submissão à Palavra de Deus. Quanto mais farão em relação a homens despreparados? A obra, portanto, está posta sobre nós para realizá-la ou para vê-la retirada de nossas mãos. Levantemos e nos esforcemos com todo o empenho!

Quando estiverem falando com seu povo, façam-no com prudência e seriedade, com a gravidade de quem fala de vida e morte; e vejam que suas vidas sejam coerentes com suas exortações públicas no púlpito. Mais uma vez, declaro que o trabalho com indivíduos é o mais satisfatório que já me propus a fazer, pois nele falo a indivíduos que foram informados na pregação pública, preparando-os para a vida e para tirar ainda mais do próximo sermão. Certamente os senhores também descobrirão o mesmo, se o fizerem com fidelidade.

## 2. Exerçam a disciplina.

Meu *segundo* pedido aos ministros desta terra é que, final e prontamente, disponham-se unânimes à prática da *disciplina* da igreja, a qual é, indubitavelmente, parte necessária de seu trabalho. Infelizmente, bons homens se acomodam e negligenciam tão grande dever. O clamor comum é: “Nosso povo não está pronto para isso; não suportará a disciplina”. Mas, de fato, não é verdadeiro que alguns pastores não querem sofrer os conflitos e os rancores que a disciplina poderia ocasionar? Se, na verdade, proclamarmos que nossas igrejas não são capazes de manter a ordem e o governo de Cristo, nada mais estaremos fazendo senão entregar a causa aos que se nos opõem e encorajar as pessoas a procurar outras sociedades em que não sejam disciplinadas. Embora a pregação, os sacramentos e a disciplina possam ser pospostos por breve período, até época mais propícia, dura coisa é aceitar a negligência constante por tantos anos, como temos feito, a não ser que creiamos que seja impossível realizar a obra. Se for este o caso, em razão de nossa incapacidade material, seria razão para modificarmos nossa constituição a fim de selar a questão.

Tenho falado claramente a este respeito e espero que os senhores o considerem com boa consciência. Peço-lhes que, se quiserem prestar contas favoráveis ao Supremo Pastor, não sendo infiéis na casa de Deus, também não sejam remissos no zelo como se a disciplina fosse coisa desnecessária. Não negligenciem a exortação da disciplina, pois o problema da carne está ligado à sua omissão como triste sinal de hipocrisia. Os deveres mais custosos são, geralmente, os mais compensadores; podem estar certos de que Cristo já pagou e que suportará o preço.

### 3. Promovam unidade entre si mesmos e entre as igrejas de Cristo

Meu *último* pedido é que todos os fiéis ministros de Cristo, sem delongas, unam-se e associem-se para a promoção uns dos outros e da obra do Senhor, e para manter a unidade e a concórdia nas igrejas. Não negligenciem as reuniões fraternas nem as desperdicem sem nenhum proveito; antes, melhorem suas condições para a edificação da igreja e para o desempenho efetivo da obra. Leiam a excelente carta de Edmund Grindal, arcebispo da Cantuária para a Rainha Elizabeth. Os senhores a encontrarão na *História da igreja da Inglaterra*, de Fuller.

Irmãos, que os defeitos deste discurso sejam perdoados. Desejo sinceramente o sucesso de seus labores e peço a Deus que a cada dia os persuada dos deveres que tenho recomendado, preservando-os e fazendo-os prosperar na obra ministerial e contra toda sutileza e ira nefasta que tentem se nos opor ou impedir.

O indigno servo e colega

*Richard Baxter.*

15 de abril de 1656

# NOTA INTRODUTÓRIA

*Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue.*

(At 20.28)

Diferente de Paulo, cuja exortação aos presbíteros de Éfeso comprova uma liderança formal, nós, hoje, falamos da parte do Senhor com grande liberdade, sem pretender tal governo. Ainda que ensinemos o povo com a autoridade de oficiais ordenados pelo próprio Senhor, ensinamos uns aos outros como irmãos de fé e de ofício. Se as pessoas sob nosso cuidado têm de ensinar, admoestar e exortar-se mutuamente a cada dia, sem dúvida os mestres podem fazer o mesmo em relação uns aos outros, sem diferença de poder ou grau.<sup>33</sup> Tal como nosso povo, todos nós temos pecados a mortificar e graças a despertar e fortalecer. Temos, entretanto, maior obra a realizar e maiores dificuldades a vencer do que eles, pois somos proporcionalmente mais necessitados de admoestação, despertamento e instrução. Creio que reuniões como estas que desenvolvemos deveriam ser mais frequentes, se o nosso trabalho permitisse. Deveríamos tratar tão clara e intimamente uns com os outros, tal como o mais dedicado dentre nós trata o próprio rebanho, a menos que algumas das ovelhas precisem de duras admoestações e repreensões para que sejam sadias e vivas na fé. Tal era o parecer de Paulo. Não preciso de outra

---

<sup>33</sup> Observem, por exemplo, o que nos ensina o apóstolo Paulo em Colossenses 3.16: “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos *mutuamente* em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração” [Vejam também Rm 15.14; Hb 3.13; 1Ts 4.18; 5.11; Tg 5.16]. Em todos esses casos, a prática da instrução e do aconselhamento mútuos deve ser aprendida e exercitada por toda a igreja. Os defensores dessa posição chamam este tipo de admoestação e aconselhamento mútuos de *noutético*, termo derivado da palavra *nouthesia* no grego, traduzida, em alguns casos, por *admoestação* ou derivados [N. do E.].

prova além desta exortação motivadora e tocante feita aos presbíteros de Éfeso. Sermão curto e prontamente apreendido! Se os bispos e mestres da igreja aprendessem esta breve exortação, ainda que negligenciassem o volume de coisas que lhes tomam o tempo e os ajudam a obter aprovação do mundo, certamente seria melhor para a felicidade da igreja e deles mesmos!

No desenvolvimento desta palestra, pretendo alcançar os seguintes objetivos:

- considerar o que significa atender por nós mesmos;
- demonstrar por que precisamos atender por nós mesmos;
- indagar o que significa atender por todo o rebanho;
- ilustrar a maneira como devemos atender por todo o rebanho;
- declarar alguns motivos pelos quais devemos atender por todo o rebanho;
- finalmente, fazer uma aplicação de todas estas coisas.